



Por Oleg KUZNETSOV,

*Candidato em Ciências Históricas, Professor (Moscou, Rússia)*

A line of military tanks moving across a dusty, hilly landscape. The tanks are in the foreground, kicking up dust as they move. The background shows rolling hills under a clear sky.

# GUERRA POR KARABAKH 2020: ORIGENS, MOTIVOS E RESULTADOS



No dia 10 de novembro de 2020, a 4ª guerra Armênia-Azerbaijão, nos últimos dois séculos, terminou. Sendo marcada na história do estado independente do Azerbaijão como uma guerra patriótica. A 1ª guerra, que graças ao governador do czar no Cáucaso, o conde I. Vorontsov-Dashkov, recebeu o nome de “massacre armenio-tártaro”, do qual 158 assentamentos azerbaijaneses e 128 armênios foram destruídos e cerca de 10.000 pessoas morreram, no período de 1905-1906. Na segunda guerra, que ocorreu em 1918-1920, os combates envolveram os exércitos da República Dashnak da Armênia e da República Democrática do Azerbaijão. A guerra e o genocídio da população civil só foram interrompidos no final de 1920, após o estabelecimento do poder soviético no Azerbaijão e na Armênia pelo 11º Exército Vermelho. Essa guerra terminou com a morte ou expulsão de cerca de 150.000 azerbaijaneses de suas residências. A terceira guerra entre o Azerbaijão e a Armênia, que ficou conhecida na história como a “guerra de Karabakh”, ocorreu no período de 1988-1994. Tudo começou com pogroms do Azerbaijão na cidade armênia de Kafan e terminou com a assinatura do Protocolo de Bishkek para encerrar o conflito armado dentro e ao redor de Nagorno-Karabakh. Cerca de 10.000 civis perderam suas vidas, iniciando a ocupação armênia da antiga região autônoma de Nagorno-Karabakh e sete distritos administrativos adjacentes do Azerbaijão, resultando na expulsão de 1,2 milhão de azerbaijaneses étnicos de suas casas (500.000 da Armênia e 700.000 dos territórios ocupados). Portanto, o conflito Armênia-Azerbaijão não começou ontem, tem uma história de mais de um século, e os desenvolvimentos recentes em torno de Nagorno-Karabakh que atraíram a atenção da comunidade mundial são apenas uma pequena parte dele, muito breve e não particularmente significativa em termos de localização espacial e geográfica.

Se olharmos para a história do confronto Armênia-Azerbaijão com uma visão honesta e imparcial, podemos ver que o conflito nunca parou nos últimos século e meio. Às vezes diminuía, mas depois se intensificava com uma nova intensidade. Muitas pessoas hoje estão tentando apresentá-lo à luz do conceito de Samuel F. Huntington de um “choque de civilizações”, como uma “guerra na linha de frente”, retratando-a puramente como um confronto cristão-muçulmano. No entanto, tal visão primitiva da essência da questão tropeça em dois fatos históricos imutáveis que não são muito cómodos para o modelo eurocêntrico moderno do mundo.



*Infantaria do Azerbaijão indo para a batalha*

Em primeiro lugar, desde sua proclamação de independência em 1918, a República do Azerbaijão sempre se posicionou como um Estado secular, à frente não apenas da República da Turquia, mas também do resto do mundo muçulmano. Mesmo se um fator religioso realmente desempenhou um papel na vida do Azerbaijão, e dos azerbaijaneses, ao longo do século XX, era um aspecto bastante cultural, não político e, portanto, não poderia influenciar a vida estatal étnica. Por causa disso, a versão moderna do Azerbaijão do Islã secular “não-político” é caracterizada pela lealdade, tolerância e não conflito com outras religiões e culturas, o que a distingue qualitativamente do Islã político do “Magrebe Árabe”.

Em segundo lugar, ao longo dos últimos cem anos, o armênios étnicos criou seu país em sua forma atual, não sendo os cânones religiosos do Cristianismo monofisista oficialmente declarado, referindo-se frequentemente às raízes pagãs de sua mentalidade nacional. Este processo tornou-se muito rápido durante os anos do poder soviético, e não sem o apoio das autoridades da SSR armênia, para a qual o neopaganismo foi um trunfo na luta ideológica contra a influência clerical da Igreja Armênio-Gregoriana e dos ideólogos da diáspora armênia nos países da burguesia e do “terceiro” mundo. Para isso, o Instituto de História e Etnografia (agora

Instituto de História e Estudos Armênios) foi especificamente estabelecido na Academia de Ciências da SSR Armênia em 1959. Isso também é evidenciado pelo apoio ativo do Estado ao neopaganismo ao nível estadual na Armênia, que foi particularmente pronunciado na primeira década do século XXI.

Consequentemente, este conflito teve fatores completamente diferentes, e é necessário compreender a sua presença. Os armênios são um de um punhado de povos cuja maioria de seus representantes vive fora do território de seu estado político, ou seja, a República da Armênia. Em outras palavras, o número agregado de pessoas da diáspora armênia que muitas vezes não têm laços políticos de cidadania com o país geralmente referido como uma “pátria histórica” excede a população deste estado. Mesmo que os etnógrafos acreditem ser impossível calcular o número exato de armênios no mundo devido à sua dispersão da diáspora, ainda é possível estimar seu número com uma precisão de cem mil pessoas. Acredito que não me enganarei se disser que hoje existem cerca de 11,5 milhões de armênios no mundo. Ao mesmo tempo, menos de 3 milhões de armênios vivem atualmente na Armênia, ou um quarto do total.

Para consolidar uma etnia predominantemente dispersa, é necessário um fator unificador externo, e o

*Canhões do exército do Azerbaijão disparam contra fortificações armênias em Karabakh*

conflito de Nagorno-Karabakh acabou sendo um. Vale a pena lembrar as condições históricas em que foi desencadeado: durante a era soviética, havia uma cortina de ferro entre os cidadãos da Armênia soviética e seus conterrâneos de outros países. A presença desta cortina implicava em uma cisão ideológica entre as duas comunidades de representantes desta etnia. Por muitos anos, os armênios na URSS viveram de acordo com valores morais e diretrizes sociais completamente diferentes dos de seus conterrâneos no Líbano, na Síria, nos Estados Unidos ou na França. O colapso da União Soviética e a aquisição resultante pelos ex-armênios soviéticos de seu próprio estado nacional deu origem à necessidade de sua integração mais rápida aos armênios do mundo, porque a diáspora tradicionalmente excedia, e ainda excede, a população autóctone da República soberana da Armênia. A Armênia e a diáspora tiveram que se unir, e o motivo para tal unificação foi a luta armada por Karabakh, que na história moderna recebeu o nome de guerra de Karabakh de 1988-1994. A Armênia pós-soviética com sua infraestrutura econômica e social subdesenvolvida (não há nem mesmo abastecimento de água em muitas regiões da República da Armênia hoje) não poderia ser um objeto de interesse para investidores da diáspora armênia sem Karabakh. Na verdade, a guerra de Karabakh de 1988-1994 tor-

nou-se uma espécie de passe dos ex-armênios soviéticos (tanto de Ierevan quanto de Karabakh) para a comunidade armênia no mundo. Portanto, as razões para a guerra Armênia-Azerbaijão no outono de 2020 devem ser buscadas nos resultados da guerra de Karabakh de 1988-1994.

A Armênia, tendo ocupado territórios azerbaijanese adjacentes a Nagorno-Karabakh e os declarou uma "zona de segurança" (Aghdam, Gubadli, Jabrayil, Zangilan, Fizuli, Kalbajar, Lachin), não realizou nenhuma atividade econômica nessas terras. Além disso, toda a infraestrutura industrial, econômica e social desses distritos administrativos do Azerbaijão foi deliberadamente saqueada e destruída após a ocupação - a propriedade dos residentes foi vendida por uma mixaria para a Armênia, Geórgia e Irã, os equipamentos industriais foram desmontados e vendido como sucata, todos os prédios e estruturas construídos com tijolo ou pedra serrada foram desmantelados para materiais de construção, que também foram vendidos a preços mínimos, na maioria das vezes para o Irã. Por acaso, visitei Karabakh um mês após sua libertação e vi com meus próprios olhos não apenas aldeias e assentamentos, mas cidades inteiras destruídas. Antes da ocupação armênia, essas cidades abrigavam de 50.000 a 70.000 pessoas. Os danos materiais causados à população azerbaijanese que morava lá

*Um tanque com o nome do Herói Nacional do Azerbaijão Albert Agarunov com soldados de infantaria indo para a batalha*



pela ocupação armênia chega a dezenas de bilhões de dólares. É preciso ter muita força, desejo e, mais importante, ódio para apagar literalmente a memória de meio milhão de cidadãos do Azerbaijão que viveram lá há um quarto de século!

Vale a pena mencionar um detalhe importante neste contexto: não foram apenas os azerbaijaneses que foram perseguidos pelos armênios, como os propagandistas de lerevan afirmam hoje em um esforço para interpretar o conflito Armênia-Azerbaijão de Karabakh como puramente étnico ou etno-religioso. Junto com a etnia azerbaijanesa, russos, judeus, ucranianos e turcos da Mesquita também foram expulsos dos territórios ocupados. Em outras palavras, incapazes de trazer qualquer coisa própria e originalmente armênia para as terras ocupadas, os invasores procuraram destruir tudo que não fosse armênio nesses territórios, e eles não se importaram com o que iria destruir. Isso se manifestou mais claramente na destruição deliberada de locais de patrimônio cultural: em Karabakh, 63 das 67 mesquitas muçulmanas foram destruídas e as quatro restantes foram seriamente danificadas. O mesmo aconteceu com a Igreja Ortodoxa em nome da Transfiguração do Senhor

na aldeia de Kuropatkino no distrito de Khojavand, que foi completamente saqueada e parcialmente destruída durante os anos de ocupação, embora a Igreja Ortodoxa Russa e a Igreja Gregoriana Armênia mantiveram laços ecumênicos entre si durante todo esse tempo e os hierarcas supremos das duas igrejas se reuniram mais de uma vez. A propósito, imediatamente após a ocupação, os armênios, de acordo com sua política, mudaram o nome da aldeia de Kuropatkino para o inventado armênio "Kakavadzor" e expulsaram a população russa (molokans) de lá.

Uma questão completamente natural surge a este respeito: qual o propósito das autoridades da ocupação armênia em destruir deliberadamente as cidades capturadas e outros assentamentos do Azerbaijão? Afinal, mesmo os nazistas, que ocuparam metade da Europa em 1939-1942, sempre buscaram preservar o potencial industrial e a infraestrutura dos países ou territórios conquistados para aproveitá-los. Acredito que foram impulsionados pelas mesmas razões pelas quais os líderes ocidentais são guiados hoje, mergulhando os países europeus do espaço pós-soviético no caos econômico e no colapso. A maioria das ex-repúblicas sovié-



*Tropas do Azerbaijão são enviadas para a batalha*

ticas por si só não interessa a ninguém, são vistas como uma zona-tampão de “terra arrasada” entre a Rússia e a Europa, são deliberadamente levadas ao caos e à devastação para que a Rússia não possa entrar lá novamente, e mesmo que fizesse, seriam gastos trilhões de dólares e décadas para a revitalização. O Ocidente tem agora a mesma perspectiva para a Geórgia e a Armênia. Pela mesma razão, as autoridades de ocupação armênias, que declararam uma “zona tampão” ao redor de Karabakh, destruíram intencionalmente sua infraestrutura, pois pensavam que vendo esta devastação, os azerbaijaneses nunca se atreveriam a retornar e reviver este deserto feito pelo homem nos territórios ocupados. No entanto, os eventos recentes que se tornaram parte da gloriosa história do Azerbaijão mostraram que eles estavam errados em seus cálculos: o Azerbaijão voltou e irá reviver e restaurar suas terras das cinzas. É precisamente aqui que a superioridade do espírito nacional do Azerbaijão sobre a mentalidade armênic se manifesta hoje.

A guerra de Karabakh de 1988-1994 certamente teve uma influência decisiva no processo de autoidentificação ou na formação da identidade da etnia azerbaijanesa moderna, que resultou em sua transformação em

uma nação formadora de um Estado de pleno direito. Ao mesmo tempo, deve-se notar que a direção desse processo no Azerbaijão foi diferente do que estava presente na ideologia dos armênios, assim como a maioria dos outros povos que conquistaram sua independência de Estado na década de 1990 (incluindo povos da ex-Iugoslávia, Eslováquia, Eritreia, países da Ásia Central, parte do Sudão). Na maioria desses países (ex-Iugoslávia, Eritreia, Sudão) a guerra foi uma consequência e muitas vezes o principal resultado da polarização nacional-religiosa dos grupos étnicos que dela participaram. No Azerbaijão, a guerra de Nagorno-Karabakh teve um impacto um pouco diferente na consciência pública: graças a ela, o país e seu povo adquiriram uma identidade nacional e estatal, percebendo-se não como muçulmanos da Transcaucásia (como os oponentes armênios gostariam), mas como uma nação formando de forma consciente e consistente um único estado multiétnico.

Não há dúvida de que a escolha dos azerbaijaneses como etnicistas desse vetor de institucionalização de sua identidade não foi condicionada pela influência de fatores externos associados à guerra, mas foi predeterminada pelo conteúdo e curso do processo de etnogênese da nação azerbaijanesa, primeiro como parte do

*O uso extensivo de aeronaves não tripuladas pelo Azerbaijão revolucionou a area militar*



Império Russo, e depois da União Soviética, cuja marca registrada foi a secularidade. Sua influência foi mais vividamente manifestada no curto período de existência da República Democrática do Azerbaijão em 1918-1920, que provou que era possível e se tornou o primeiro exemplo de Estado secular na ecúmena islâmica. Nesse sentido, os habitantes do Azerbaijão se afirmaram primeiro como nacionalistas seculares e só depois como muçulmanos. A criação de sua própria nação política levou um quarto de século e, quando esse processo foi concluído, a questão da restauração do habitat histórico, ou seja, a implementação da desocupação dos territórios tomados pela Armênia, passou a fazer parte de sua agenda.

Desde a assinatura do Protocolo de Bishkek para encerrar o conflito armado dentro e ao redor de Nagorno-Karabakh em 1994, o Azerbaijão tem feito todos os esforços políticos e diplomáticos possíveis para retornar sua jurisdição sobre os distritos administrativos ocupados pela Armênia, especialmente devido à obrigação de retirar armênios armados foi explicitamente declarado por quatro resoluções do Conselho de Segurança da ONU - 822 de 30 de abril de 1993, 853 de 29 de julho de 1993, 874 de 14 de outubro de 1993 e 884 de 12 de novembro de 1993. A comunidade internacional representada pela Organização para a Segurança e Cooperação em A Europa (OSCE) também estava interessada na resolução do conflito de Nagorno-Karabakh. Para fazer isso, a organização criou o Grupo de Minsk em 1992, que recebeu um mandato desta organização apenas em dezembro de 1994. No ano seguinte, um representante especial da OSCE para este conflito foi nomeado e um escritório foi estabelecido em Tbilissi.

No período entre 1992 e 2005, o Grupo de Minsk forneceu às partes em conflito três propostas diferentes como base para as negociações, as quais, no entanto, não conduziram a um compromisso mutuamente aceitável, mas permitiram que a situação permanecesse

“congelada” por anos. Como resultado, tudo se resumiu a uma única opção de compromisso, que previa uma solução em fases do conflito entre o Azerbaijão e a Armênia por meio de um retorno gradual dos territórios ocupados com a ajuda de forças de manutenção internacional da paz. A aprovação deste plano, apresentado pela primeira vez pelo Ministério das Relações Exteriores da Rússia em 2006, passou por vários caminhos e, infelizmente, infrutíferas negociações multilaterais e bilaterais no nível dos chefes de estado (o último formato de negociações foi iniciado pessoalmente pelo Presidente russo, Dmitry Medvedev, em 2008), e a responsabilidade por sua ruptura recaiu diretamente sobre a liderança político-militar da Armênia. A última versão deste documento foi entregue às partes pelos co-presidentes do Grupo de Minsk em junho de 2019, três meses antes do reinício das hostilidades na linha de frente entre a Armênia e o Azerbaijão em Karabakh. Mas uma resposta muito ambiciosa e ambígua veio de Ierevan: “Nova guerra por novos territórios” (o que significa que em caso de recomeço das hostilidades, a Armênia vencerá facilmente, após o que expandirá a zona de ocupação das terras azerbaijanesas). No final do verão de 2020, ficou claro para qualquer pessoa que conheça as sutilezas do conflito de Nagorno-Karabakh que a guerra é uma forma inevitável de resolver esta crise político-militar de longa data. Em 27 de setembro, os militares armênios atacaram vários assentamentos azerbaijaneses com foguetes e artilharia, depois disso as unidades e formações azerbaijanesas lançaram uma ofensiva contra as posições do corpo de ocupação do exército armênio em Karabakh.

Não há absolutamente nenhum sentido em descrever o conteúdo desta guerra de 44 dias, que terminou com a derrota total das forças armadas armênias em Karabakh. Este tópico pode interessar apenas a um pequeno número de profissionais militares. Uma coisa é certa: o plano da campanha militar foi escrupulosamen-

te pensado pelo comando do exército do Azerbaijão, e a sua implementação foi garantida pelo apoio das forças e recursos envolvidos, o que indica um alto grau de prontidão e preparação a longo prazo do exército do Azerbaijão para esta guerra. No entanto, isso não é surpreendente porque o Presidente Ilham Aliyev afirmou em dezembro de 2008 que “ninguém pode encontrar o compromisso do Azerbaijão de se abster de formas militares de resolver o conflito em qualquer um dos documentos que ele assinou. Portanto, na esperança de um acordo político, devemos estar sempre preparados para tomar quaisquer medidas, e a via militar não é e nunca foi uma exceção”. Durante os 12 anos que se seguiram, Baku esperava que o bom senso e as normas do direito internacional prevalecessem, sabendo perfeitamente bem que qualquer guerra é, antes de tudo sobre derramamento de sangue e morte, não um passeio agradável no campo, e é necessário para evitá-lo o máximo possível. No entanto, as constantes provocações do lado armênio tanto na linha de frente em Karabakh quanto fora dela (a última aconteceu em Tovuz, a mais de 100 KM de Karabakh, em julho de 2020 e no distrito de Goranboy em agosto) privaram o Azerbaijão da oportunidade de escolher entre a paz e a guerra, im-

*O resultado de operação com drones: um tanque armênio destruído por um ataque de precisão*



pondo-lhe esta última. E então as armas começaram a falar - Ultima ratio regum, ou “o último argumento dos reis” (este lema foi inscrito em todas as armas francesas pelo Cardeal de Richelieu durante a Guerra dos Trinta Anos; posteriormente decorou os canos das armas do Rei Frederico da Prússia II).

Na guerra com a Armênia, o Azerbaijão demonstrou uma tática fundamentalmente nova de guerra em áreas montanhosas e arborizadas que são difíceis de alcançar e intransitáveis, quando as tropas em avanço sempre



*Arma antiaérea autopropelida armênia destruída por um drone do Azerbaijão*

## *Despojos de guerra: tanques armênios*



têm que atacar o inimigo sentado em fortificações de longo prazo em uma colina. De acordo com todos os livros pré-existentes de tática militar, nesta situação, o lado atacante sempre sofre perdas de mão-de-obra e

equipamentos três vezes maiores do que o lado defensor. Mas não desta vez. Em particular, as perdas irreversíveis das Forças Armadas do Azerbaijão em pessoal foram quase 20 por cento menores que as do oponente,



## *Despojos de guerra: canhões antiaéreos automotores armênios*

em termos de equipamento (em termos estatísticos médios generalizados) foram quatro vezes menores e em termos de armas pesadas ofensivas seis vezes menos. O exército armênio perdeu 80% de seus tanques, 70% de seus veículos blindados e unidades de artilharia de canhão, 50% da artilharia de foguetes e todo o sistema de defesa aérea. Tal resultado só poderia ser alcançado como resultado de uma mudança dramática no paradigma da participação das tropas nas hostilidades e uma modernização global de todo o sistema das forças armadas para reformatação estrutural e reciclagem de pessoal para conduzir a guerra de acordo com princípios e regras completamente novos.

*A elite do exército do Azerbaijão, forças especiais, no desfile da Vitória. Baku, 10 de dezembro de 2020*



Em 2013, o governo do Azerbaijão anunciou oficialmente a implementação de um plano de dez anos para a modernização total das forças armadas, cujo objetivo era prepará-las para a guerra de libertação de Karabakh, a tarefa geoestratégica mais importante e prioritária do estado do Azerbaijão e sua obrigação política mais importante para com seu próprio povo. O iniciador deste plano foi o Presidente do Azerbaijão, Ilham Aliyev, que também mobilizou todos os recursos do estado para sua implementação rápida e abrangente. Muitas vezes se pode ouvir a frase que os políticos sempre roubam vitórias dos comandantes, mas no caso do Azerbaijão não é o caso. Foi o presidente Aliyev quem criou os recursos e os pré-requisitos ideológicos para a vitória nesta guerra. As forças armadas que estiveram sob seu patrocínio direto por muitos anos só tiveram que vencer a batalha, que aconteceu em outono de 2020. Portanto, ele tem todo o direito de experimentar uma “euforia pós-Karabakh”, como escrevem os malfeitores do Azerbaijão hoje, porque nenhuma outra pessoa neste país fez tanto quanto ele para alcançar a vitória. Sete anos de trabalho contínuo para alcançar a meta da vitória na guerra (é claro, em um círculo fechado de pessoas

e assistentes com ideias semelhantes) e 1 mês e meio de tensão desumana durante as hostilidades dão a ele todo o direito à sinceridade todas as vezes que ele hasteia a bandeira nacional do Azerbaijão em um centro administrativo dos territórios anteriormente ocupados. Ele conquistou este direito com trabalho árduo, intelecto e determinação.

Muitos especialistas militares de todo o mundo identificam três fatores importantes para a vitória do exército do Azerbaijão na guerra contra a Armênia - o mais alto nível de disciplina e profissionalismo do pessoal, a superioridade técnico-militar completa sobre o oponente e o mais alto nível de motivação moral e psicológica. Não é segredo para ninguém que a maior parte do corpo de oficiais e sargentos do exército do Azerbaijão são aqueles que foram expulsos de suas casas e aldeias ancestrais no início da década de 1990 (ou de seus filhos). Portanto, havia um grande risco de que sua tentação de libertar suas casas o mais rápido possível prevalecesse através da disciplina, como foi o caso em abril de 2016. Mas desta vez nem uma única ordem do alto comando sobre o ritmo de avanço foi violada, nenhum oficial, soldado contratado ou soldado conscrito

*Lançadores de foguetes do exército de artilharia do Azerbaijão*



permitiu a obstinação durante a execução de missões de combate. Todos conheciam exatamente suas manobras sob as novas táticas de guerra.

O objetivo de ganhar a supremacia aérea foi alcançado não através do uso da aviação de linha de frente, conforme descrito em todos os livros modernos sobre táticas militares, mas através do uso extensivo de veículos aéreos não tripulados (UAVs) ou drones, especialmente em ofensivas, que tornou uma novidade na teoria de guerra. O exército armênio não tinha tais

sistemas de armas, bem como sistemas para combatê-los, o que em grande parte predeterminou sua derrota. A superioridade técnico-militar do Azerbaijão sobre a Armênia deveu-se em grande parte ao fato de que ele tinha a capacidade e o desejo de se armar de várias fontes, fechando contratos de armas com fornecedores da Rússia, Belarus, Israel, França e vários outros países, enquanto os militares armênios tiveram que se contentar com armas predominantemente russas, enquanto muitas armas estrangeiras foram desenvolvidas desde

*Lançadores de foguetes do exército do Azerbaijão*



*Presidente da República do Azerbaijão e Comandante-em-Chefe Ilham Aliyev nos territórios libertados*



o início para combatê-las. Em outras palavras, o exército do Azerbaijão teve oportunidades reais de contra-atacar o armamento do exército armênio e, portanto, o conhecia perfeitamente, enquanto o oponente não tinha essa oportunidade.

A superioridade técnico-militar do Azerbaijão sobre a Armênia permitiu ao seu exército a oportunidade de enfrentar o oponente em muitas seções de frente sem entrar em contato direto com ele, destruindo posições, pontos de comando e controle, colunas de suprimento e localizações das forças armadas armênias à distância. Basta dizer que o exército armênio perdeu dois terços de seus tanques e veículos de combate de infantaria enquanto eles estavam em marcha, sem contato com o fogo do oponente. O controle do fogo com a ajuda de drones foi de crucial importância na aplicação de tais táticas de guerra pelos militares do Azerbaijão. A presença de uma quantidade significativa e mesmo excessiva de munições e, em geral, um sistema de logística bem eficiente, do qual o exército armênio não pôde aguentar durante a guerra, também foi de importância fundamental. Isso explica o nível relativamente baixo de baixas do exército do Azerbaijão em comparação com o da Armênia, porque nunca teve que compensar as

deficiências na gestão e fornecimento de sangue. Este não foi o caso da Armênia, que recorreu a isso repetidamente durante a guerra. Os comandantes armênios não pouparam seus soldados, que, por sua vez, não pouparam a si próprios ou ao oponente, mas é muito difícil manter o moral em condições quando metade de sua unidade foi destruída antes mesmo de você atirar pelo menos uma vez no inimigo ou até mesmo vê-lo no campo de batalha. Portanto, não é surpreendente que eles tenham deixado suas posições de combate sem ordens e muitas vezes em pânico sob ataques massivos de UAVs, foguetes e artilharia de canhão, mesmo sem tentar oferecer qualquer resistência. Claro, isso não é culpa dos soldados, mas do alto escalão militar e da liderança político-militar da Armênia, que deu a ordem para iniciar as hostilidades sem realmente perceber que resultados e consequências isso levaria.

Tal comportamento do oponente no campo de batalha despertou o já elevado espírito moral, psicológico e a motivação dos militares azerbaijaneses para libertar suas terras nativas. A libertação de Shusha em 6 a 8 de novembro de 2020 pode ser vista como o ponto culminante desta manifestação. As Forças Armadas do Azerbaijão escalaram as encostas quase íngremes da

*As forças especiais do Azerbaijão desempenharam um papel importante na vitória*



montanha e travaram combate corpo a corpo nas ruas da cidade, arrancando o inimigo das casas com facas e granadas. Outros exemplos de tais ataques podem ser encontrados na história militar do mundo apenas durante a tomada de Berlim e a libertação de Praga em maio de 1945 (esta batalha épica pode lançar as bases

para um filme de ação legal como o americano “Rambo” ou o russo “Pedra”). Ao longo da guerra, não houve um único caso de inobservância de uma ordem nas fileiras do exército do Azerbaijão, mesmo que exigisse auto-



*Um destacamento de reconhecimento do Azerbaijão indo para a retaguarda do inimigo*

sacrifício, nem um único crime militar, como deserção, apropriação indébita de propriedade militar ou abandono não autorizado de uma unidade. Não existe um único caso em que pais ou parentes de soldados azerbaijaneses mortos teriam expressado reivindicações ou reprovações ao estado ou à sociedade de que seus filhos, irmãos ou sobrinhos morreram nesta guerra. A guerra por Karabakh no outono de 2020 mostrou um alto grau de unidade do exército, povo e governo do Azerbaijão, o que talvez tenha sido o fator-chave para alcançar esta vitória.

Além do que foi dito acima e para o qual os meus colegas estrangeiros chamaram a sua

*Um destacamento de reconhecimento do Azerbaijão indo para a retaguarda do inimigo*

atenção, quero referir mais uma circunstância que não é amplamente discutida, mas também merece uma menção especial. Em termos intelectuais, os chefes militares azerbaijaneses revelaram-se muito superiores aos armênios, o que torna alguns deles verdadeiros comandantes. Para provar isso, basta lembrar como o sistema de defesa aérea do exército armênio em Karabakh foi aberto e destruído. No primeiro ou no segundo dia de batalhas, várias aeronaves não tripuladas da aviação civil AN-2 foram destruídas no ar. Eles geralmente são usados para fins econômicos, como pulverizar pesticidas sobre os campos e são muito semelhantes em tamanho aos caças-bombardeiros. Todos eles foram abatidos por sistemas de defesa aérea armênios, que entregaram suas posições aos UAVs de reconhecimento do Azerbaijão e logo foram destruídos por drones ofensivos e foguetes de artilharia. Isso deu às forças armadas do Azerbaijão total supremacia no ar no terceiro dia de guerra e predetermined a vitória subsequente.

A Armênia simplesmente não teve a chance de ganhar a guerra por Karabakh no outono de 2020. O Azerbaijão lutou em seu território reconhecido internacionalmente, lutou pela libertação de suas terras ocupadas e, portanto, não podia perder.

Há mais um aspecto político-militar que distingue a guerra Armênia-Azerbaijão por Karabakh. Em 2020 do número total de conflitos militares regionais dos últimos 25 anos do século XX e dos primeiros 25 anos do século XXI colocando em um nível inatingível. É possível dizer com absoluta confiança que, ao vencer esta guerra, o Azerbaijão deu uma contribuição muito significativa para a história moderna da humanidade, se não a reescreveu completamente. Pela primeira vez em toda a existência do sistema de direito internacional no âmbito das Nações Unidas, pela primeira vez nos últimos 75 anos, o Azerbaijão usou suas armas para forçar o agressor a cumprir incondicionalmente com as resoluções do Conselho de Segurança da ONU sobre a libertação dos territórios anteriormente ocupados. Assim, criou um precedente jurídico internacional que demonstra claramente o estado de direito sobre as reivindicações e ambições geopolíticas dos amantes do poder narcisistas, e isso já se tornou uma lição séria para as gerações atuais e futuras de políticos. Quando uma nação, estado e exército estão unidos em seu desejo de restaurar a justiça histórica, essa união consegue resistir a qualquer ameaça externa, independentemente de sua origem. ✪